

O RACISMO NA ENFERMAGEM: DESAFIOS E EMPACTOS NO CONTEXTO DA PANDEMIA

KAREN SOARES PORTO¹; ADRIZE RUTZ PORTO²; RAQUEL SILVEIRA RITA³
; STEFANIE GRIEBELER OLIVEIRA⁴

¹UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS 1 – profakarensoares@gmail.com 1

²UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – adrize.porto@gmail.com 2

³UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – rakssikveira@gmail.com 3

⁴UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS- stefaniegriebelereoliveira@gmail.com 4

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresento o racismo na enfermagem no contexto da pandemia de COVID-19 no Brasil. A pandemia revelou desigualdades profundas, com a burguesia afirmando que o vírus afetava todos igualmente, ignorando as diferenças de raça, condição social e gênero (BORRET et al, 2020; OLIVEIRA et al, 2020). Destaco como a falta de dados sobre raça/cor nos registros de COVID-19 impediu a criação de políticas de saúde específicas para a população preta (BORRET et al, 2020). Além disso, denuncio a dificuldade dessa população em realizar o isolamento físico e seguir práticas sanitárias, evidenciando como o racismo, sexismo e classismo estruturam nossa sociedade e punem os mais vulneráveis.

Este ponto é crucial para entender as barreiras enfrentadas pelas pessoas pretas, incluindo o racismo implícito e interpessoal entre profissionais de saúde, que naturalizam a morte de pessoas pretas e reproduzem o racismo no cuidado (BORRET et al, 2020). Questiono quais profissionais estão na linha de frente durante a pandemia, suas condições de trabalho e características demográficas. Destaco a história da enfermagem no Brasil, mostrando como a profissionalização excluiu pessoas pretas e como, hoje, as mulheres pretas ainda enfrentam barreiras significativas na educação e no mercado de trabalho (MOTT, 1999; MENDES e COSTA, 2019; CAMPOS, 2012; WERNECK; MENDOÇA; WHITE, 2006). A discriminação racial na enfermagem é evidente e perpetua o adoecimento da população preta (DAMASCENO; ZANELLO, 2020).

2. METODOLOGIA

Neste estudo, busquei reconstruir, analisar memórias e experiências sobre as resistências ao racismo cotidiano vivenciadas por homens e mulheres pretas na Enfermagem, especialmente durante a pandemia da COVID-19. Adotei uma abordagem sujeito-sujeito, inspirada em Grada Kilomba, para possibilitar a escuta das vozes silenciadas os principais sujeitos da pesquisa e evitar a reprodução de discursos acadêmicos que os desvalorizem. A dissertação está vinculada ao Núcleo de Estudos e Pesquisas E'léékò, e a metodologia foi aprovada pelo Comitê de Ética da UFPel.

O estudo foi conduzido em duas etapas. Na primeira, apliquei um questionário on-line para pessoas autodeclaradas pretas e pardas, obtendo 403 respostas anônimas. Este questionário, divulgado em diferentes plataformas e acompanhado do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), serviu como base para criar narrativas ficcionais que explorassem as experiências raciais das mulheres na Enfermagem, tensionando a relação entre realidade e ficção. Na segunda etapa, realizei entrevistas narrativas biográficas com 7 profissionais pretos da Enfermagem, 6 mulheres pretas cis gênero e 1 homem preto cis gênero, na faixa

etária de 25 a 64 anos de idade, residentes nos estados de Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, que se dispuseram a participar após responder ao questionário. Essas entrevistas foram conduzidas de forma individual e on-line, utilizando plataformas escolhidas pelos participantes, permitindo que compartilhassem livremente suas memórias e experiências de racismo cotidiano.

Para enriquecer as entrevistas, utilizei o método de foto-elicitación, apresentando imagens que remetessem a temas da dissertação e estimulassem a memória dos participantes. As fotografias foram escolhidas para evocar memórias e experiências que atravessam a trajetória dos profissionais pretos na Enfermagem, desde a formação até a prática profissional. A análise episódica de Kilomba foi utilizada para descrever os episódios de racismo cotidiano relatados, organizando as narrativas em quatro eixos principais: “O continente da memória”, “A importância da imagem para recuperar a identidade”, “Consegue ver? Você vê o que eu vejo?” e “Cada preto e preta é um poder, cada preto e preta é o quilombo”. Essa estrutura permitiu explorar as histórias individuais e coletivas, destacando a memória histórica e a resistência da população preta na Enfermagem.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo revelam as profundas dificuldades enfrentadas pelos profissionais de enfermagem pretos durante a pandemia de COVID-19. Borboleta, uma enfermeira de 34 anos, descreve o medo constante de contaminar seus familiares e a sensação de que sua vida não tinha valor, especialmente quando medidas de proteção foram revogadas, obrigando-os a trabalhar em condições arriscadas (TEIXEIRA et al., 2020). Profissionais de saúde, constantemente expostos a altas cargas virais, enfrentaram estresse extremo e condições de trabalho inadequadas, exacerbando as desigualdades de gênero, raça e classe social (HIRATA, 2005).

Ceica, uma enfermeira de 64 anos, relembra a solidão e o cansaço dos plantões na UTI COVID, sentimentos compartilhados por muitos profissionais na linha de frente. A exposição constante ao vírus e a falta de medidas adequadas de proteção resultaram em problemas de saúde mental, como ansiedade, depressão e medo de infectar familiares (BRASIL, 2020). A negligência em relação à saúde mental desses trabalhadores é evidente, e a necessidade de suporte psicológico é urgente para evitar situações como as descritas por Borboleta (TEIXEIRA et al., 2020).

Os relatos dos participantes destacam a desigualdade na força de trabalho em saúde, onde profissionais pretos enfrentam barreiras adicionais devido ao racismo estrutural. A falta de suprimentos médicos e informações corretas aumentou a relutância em trabalhar, como observado na narrativa de Ricson, que ilustra a exaustão e a falta de forças para enfrentar os desafios impostos pela pandemia (HUANG et al., 2020). Esses sentimentos de medo, solidão e angústia são comuns entre os profissionais de saúde, refletindo a necessidade de políticas de apoio mais robustas e inclusivas.

Em resumo, os resultados evidenciam que o racismo estrutural e as desigualdades sociais agravaram as condições de trabalho e saúde dos profissionais de enfermagem pretos durante a pandemia. A falta de suporte adequado e a exposição constante ao risco não apenas afetaram a saúde física, mas também a mental desses trabalhadores, destacando a urgência de intervenções que considerem as especificidades raciais e sociais no enfrentamento de crises sanitárias.

4. CONCLUSÕES

A pandemia de COVID-19 expôs e intensificou as desigualdades raciais e sociais existentes na sociedade brasileira, especialmente no campo da enfermagem. Profissionais de saúde pretos enfrentaram desafios únicos, desde a falta de medidas de proteção adequadas até o estresse psicológico extremo, exacerbado pelo racismo estrutural e interpessoal. As narrativas de Borboleta e Ceica ilustram a realidade de muitos trabalhadores da linha de frente, que lidaram com o medo constante de contaminação e a sensação de desvalorização de suas vidas (TEIXEIRA et al., 2020).

A falta de dados sobre raça/cor nos registros de COVID-19 impediu a criação de políticas de saúde específicas para a população preta, evidenciando a negligência histórica em relação às necessidades dessa comunidade (BORRET et al., 2020). A desigualdade na força de trabalho em saúde, marcada por diferenças de gênero, raça e classe social, afetou diretamente as oportunidades de formação e inserção no mercado de trabalho para profissionais pretos (HIRATA, 2005).

Os relatos dos participantes destacam a necessidade urgente de suporte psicológico e de políticas de saúde que considerem as especificidades raciais. A utilização de métodos como a foto-elicitación e a análise episódica de Kilomba permitiu uma compreensão mais profunda das experiências de racismo cotidiano enfrentadas por esses profissionais, revelando a continuidade e a profundidade dessas vivências (HUANG et al., 2020). Além disso, a ausência de políticas adequadas pode ser interpretada à luz do conceito de necropolítica, proposto por Achille Mbembe (2017), que descreve como o poder de decidir quem vive e quem morre é exercido sobre populações marginalizadas. Nesse contexto, a falta de suporte e proteção para os profissionais de saúde pretos durante a pandemia pode ser vista como uma forma de necropolítica, onde a vida dessas pessoas é desvalorizada e exposta a riscos maiores.

A história da enfermagem no Brasil mostra como a profissionalização da área excluiu pessoas pretas, perpetuando barreiras educacionais e profissionais até os dias de hoje. Embora as mulheres pretas estejam presentes em maior número na enfermagem, elas ainda enfrentam dificuldades significativas para acessar níveis mais altos de educação e cargos de liderança (MOTT, 1999; MENDES e COSTA, 2019; CAMPOS, 2012; WERNECK; MENDOÇA; WHITE, 2006). Em conclusão, é imperativo reconhecer e abordar as desigualdades raciais na enfermagem para garantir um ambiente de trabalho mais justo e inclusivo. A pandemia de COVID-19 destacou a necessidade de políticas de saúde que considerem as especificidades raciais e sociais, promovendo a equidade e o bem-estar de todos os profissionais de saúde. Somente assim poderemos construir uma sociedade mais justa e igualitária, onde todos tenham acesso a oportunidades e cuidados de saúde de qualidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORRET, Rita Helena; ARAUJO, Dagles Henrique Sartori de; BELFORD, Pollyanna Silva; OLIVEIRA, Denize Ornelas Pereira Salvador de.; VIEIRA, Renata Carneiro; TEIXEIRA, Débora Silva. Reflexões para uma Prática em Saúde Antirracista. Revista: Brasileira De Educação Médica | 2020. 44 (sup.1): e0148, DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.supl.1-20200405>

CAMPOS, Paulo Fernando de Souza _____. História social da enfermagem brasileira: afrodescendentes e formação profissional pós-1930. Revista de Enfermagem Referência, Coimbra, Portugal, n. 6, p. 167-177, 2012. ISSN 2182-2883. DOI: <https://doi.org/10.12707/RIII12HM1>. Disponível em: https://rr.esenfc.pt/rr/index.php?module=rr&target=publicationDetails&pesquisa=&id_artigo=2289&id_revista=9&id_edicao=41. Acesso em: 18 nov. 2020.

DAMASCENO. Marizete Gouveia; ZANELLO. Valeska M. Loyola. Saúde Mental e Racismo Contra Negros: Produção Bibliográfica Brasileira dos Últimos Quinze Anos. Revista de Psicologia: Ciência e Profissão; v. 38, n.3, p.450-464. Jul/Set. 2018.

HIRATA, Helena. Globalização, Trabalho e Gênero. Rev Polit Públicas [Internet]. 2005 Jul-Dez [acessado 30 Maio 2020]; 9(1):111-1128. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/3770>

HUANG, Lishan; LIN, Guanwen; TANG, Li; YU, Lingna; ZHOU, Zhilai. Special attention to nurses' protection during the COVID-19 epidemic. Crit Care 2020; 24(1):120 <https://doi.org/10.1186/s13054-020-2841-7>

MENDES, Valdeci Silva; COSTA. Candida Soares da. Branquitude e branquidade na enfermagem brasileira: racismo sistêmico e perverso a serviço de privilégios às mulheres brancas. Anais VI CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/59466>. Acesso em: 16/07/2021

MBEMBE, Achille. Políticas da Inimizade. Tradução de Marta Lança. Portugal: Antígona, 2017.

MOTT. Maria Lúcia de Brrros. Revendo a história da enfermagem em São Paulo (1890-1920). Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 13, p. 327–355, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635331>.

OLIVEIRA, Roberta Gondim de; CUNHA, Ana Paula da; GADELHA, Ana Giselle dos Santos; CARPIO, Christiane Goulart; OLIVEIRA, Rachel Barros de; CORRÊA, Roseane Maria. Desigualdades raciais e a morte como horizonte: considerações sobre a COVID-19 e o racismo estrutural. Cad. Saúde Pública, 2020. V.9, n.36, p.8

TEIXEIRA, Carmen Fontes de Souza; SOARES, Catharina Matos; SOUSA, Ednir Assis; LISBOA, Erick Soares; PINTO, Isabela Cardoso de Matos Pinto; ANDRADE, Laíse Rezende de Andrade; ESPIRIDIÃO, Monique Azevedo. A saúde dos profissionais de saúde no enfrentamento da pandemia de Covid-19. Ciência & Saúde Coletiva [online]. 2020, v. 25, n. 9 [Acessado 29 Janeiro 2022], pp. 3465- 3474. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020259.19562020>. Epub 28 Ago 2020. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020259.19562020>.

WERNECK, Jurema. Racismo Institucional: uma abordagem conceitual. Texto produzido para o Projeto Mais Direitos e Mais Poder para as Mulheres Brasileiras (Mimeo), 2013.